

# Portos de passagem do trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita

Denise de Oliveira Teixeira\*

Dauden ATBC, De-Angelis CCM (orgs.). *Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico*. São Paulo: Pancast, 2004.

A publicação organizada pelas fonoaudiólogas e professoras Ana Tereza B. C. Dauden e Cristiane C. Mori de Angelis expressa o permanente compromisso assumido por elas em dedicar suas pesquisas e publicações à linguagem escrita, especialmente à constituição de uma clínica fonoaudiológica comprometida com a especificidade da linguagem escrita e com a singularidade dos sujeitos atendidos.

O livro reúne trabalhos de reconhecidos profissionais dos campos da lingüística, da educação e, sobretudo, da fonoaudiologia, que têm orientado suas *práxis* com a linguagem escrita a partir de uma dimensão social e discursiva da linguagem.

O primeiro dos méritos dessa publicação é aliar reflexão teórica à prática fonoaudiológica com a linguagem escrita ao escolher uma perspectiva em relação à linguagem e, a partir dela, apresentar as práticas correntes no trabalho com a escrita no campo fonoaudiológico, apontando para outras práticas implicadas pela perspectiva assumida.

Em seus nove capítulos, os diferentes autores se propõem a apresentar e discutir o trabalho fonoaudiológico comprometido com a especificidade da linguagem escrita e da atuação fonoaudiológica. Nesse sentido, o livro não só baliza a prática fonoaudiológica com a linguagem escrita como a legitima. É o que pode ser apreendido nos capítulos de Garcia, “Fonoaudiologia e Letramento”, e das organizadoras, Dauden e Mori de Angelis, “Leitura e escrita: uma questão para fonoaudiólogos?” A escolha em abrir a coletânea com esses trabalhos

não poderia ser mais acertada, uma vez que eles problematizam a questão da natureza e da pertinência do trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita, anunciando não só o propósito mais amplo da publicação – a relevância do trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita –, assim como os temas e os questionamentos dos próximos trabalhos.

Ana Luiza Garcia, lingüista que há muito contribui de maneira singular na formação acadêmica de fonoaudiólogos, oferece subsídios para a reflexão sobre as práticas fonoaudiológicas com a linguagem escrita, tais como avaliação de escrita realizada na clínica fonoaudiológica, a caracterização dos chamados “distúrbios de leitura e escrita”, a assessoria fonoaudiológica em escolas públicas e particulares, o trabalho com classes especiais e a atuação fonoaudiológica em Unidades Básicas de Saúde no atendimento à demanda da escola pública. A autora destaca a noção de gêneros do discurso como de fundamental importância para o trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita. Indica a necessidade de conhecimento por parte dos fonoaudiólogos sobre as concepções de linguagem que subsidiam as práticas pedagógicas para a compreensão dos encaminhamentos à clínica fonoaudiológica realizados pelas escolas. Analisa os elementos constituintes do chamado “fracasso escolar” e alerta que o fonoaudiólogo não deve assumir o lugar e o papel do professor, o que acabaria por reproduzir a prática escolar no âmbito da clínica. Defende que o conceito de letramento pode funda-

\* Fonoaudióloga, mestre em Distúrbios da Comunicação pela PUC-SP e professora da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP.

mentar uma práxis fonoaudiológica comprometida com a (re)construção do vínculo do sujeito com a linguagem escrita, “levando o sujeito a construir uma nova inserção social e cultural, via linguagem escrita” (p. 34).

Ana Tereza Dauden e Cristiane Mori de Angelis, além de organizadoras, oferecem importante trabalho questionando a tradicional polêmica em torno da legitimidade do trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita. As autoras defendem que, a partir de uma reflexão que considere o sujeito escritor e a linguagem escrita, “a relação que o sujeito estabelece com a linguagem e os diferentes modos de que dispõe para se apropriar da linguagem escrita” (p. 38), a questão da disputa entre campos ou profissionais habilitados torna-se, no mínimo, equivocada. Segundo as autoras, “o problema das dificuldades de leitura e escrita pode (e deve) interessar àqueles que têm possibilidade para estabelecer um trabalho terapêutico, capaz de resgatar (ou de constituir) uma relação significativa com a linguagem escrita” (ibid.). Analisam as implicações para a clínica fonoaudiológica da concepção de escrita como produto, que privilegia os aspectos gráficos em detrimento dos aspectos discursivos. Alertam para as conseqüências dessa perspectiva no âmbito da clínica fonoaudiológica: sonega ao paciente a possibilidade de discutir sobre as condições de produção do texto, na medida em que as atividades centradas nos aspectos gráficos não realçam parâmetros como: de onde se lê/escreve, para quem se lê/escreve, para que se lê/escreve. As autoras indicam que a noção de “condição de produção” postulada pelo interacionismo sociodiscursivo pode oferecer importantes alicerces para o trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita. A partir de algumas sessões fonoaudiológicas de um paciente hipotético, apresentam e discutem detalhadamente as noções centrais que “devem sustentar uma prática clínica comprometida com a escrita e não com o escrito” (p. 50).

Consoante com a perspectiva enunciativa-discursiva de linguagem, Lucia Masini oferece, em “Considerações sobre o processo terapêutico fonoaudiológico no trabalho com a escrita”, a possibilidade de refletir sobre o trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita por meio do estudo de caso clínico. A partir de detalhados fragmentos de processos terapêuticos vividos, a autora discute de forma sensível e aprofundada a idéia de clínica como *locus* privilegiado de constituição da subje-

tividade e, especialmente, como possibilidade de (re)construir uma relação singular e significativa com a linguagem escrita. Defende que o trabalho terapêutico “visa transformar a relação de sofrimento que o paciente estabelece com a escrita” (p. 67) e que a noção de letramento pode contribuir para que o trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita esteja permeado pelas diferentes práticas sociais mediatizadas pela leitura e pela escrita.

Em “Redimensionar erros – Intervenção fonoaudiológica na escrita”, Claudia Perrota parte de um estudo clínico, minuciosamente apresentado por meio de fragmentos do processo terapêutico de um adolescente, incluindo seu contexto familiar e escolar. A autora analisa de forma criteriosa as implicações para o trabalho clínico-terapêutico fonoaudiológico decorrentes da noção de erro presente na instituição educacional e alerta para que o profissional envolvido no atendimento “ajude seu paciente a discriminar o que é exigência desproporcional da escola, olhar voltado exclusivamente para os erros, e o que, de fato, é dificuldade no entendimento do que é lido e na organização da produção escrita” (p. 112). Destaca a importância de intervenções terapêuticas que contemplem a reelaboração textual, não só para que o paciente apreenda regras e padrões da escrita, mas, sobretudo, para a criação individual entendida como “apropriação criativa e pessoal de conhecimentos” (p. 108).

Também Ana Clélia Rocha, em “A fala da escrita”, parte do caso clínico de um menino trazido pelos pais com a queixa de uma “ausência quase total de fala” (p. 117) e discorre sobre as articulações realizadas com a Psicanálise a partir da identificação, ao final do tratamento, da demanda materna de não “saber/poder ter um filho que fala” (p. 118). Salienta ser fundamental pensar o papel da clínica fonoaudiológica na constituição dos sujeitos. A partir de uma perspectiva discursiva de linguagem, a autora reafirma o fundamento lingüístico da subjetividade, ao defender que “o sujeito não é causa da linguagem, mas é causado por ela” (p. 118). Realiza uma reflexão que permite acompanhar como, através da linguagem escrita, foi possível para o paciente recuperar a emergência do EU e (re)significar o sintoma.

Lucila Pastorello, em “As vozes da leitura”, traz à tona a delicada e complexa relação entre teoria e prática inerente ao trabalho clínico, defendendo a prática clínica como ação que pode cons-

truir teorias. Afirma que qualquer prática clínica parte de aportes teóricos que viabilizam a ação, mas alerta que “o que se diz a partir da(s) teoria(s) pode nos exercitar o pensamento, não engessá-lo” (p. 125). Por meio da apresentação do processo terapêutico de um menino com significativas dificuldades de fala e do trabalho fonoaudiológico realizado em torno da leitura e da escrita, a autora aponta que a conceituação teórica acerca da relação entre a oralidade e a escrita, especificamente a visão de que a escrita é transcrição da fala, pode ser questionada na e pela ação clínica, instigando o questionamento sobre a crença corrente de que é preciso “falar bem” para “escrever bem”. Relata o percurso clínico empreendido com o menino, destacando que, a partir da leitura de textos, o paciente descobriu novas possibilidades e potenciais linguísticos, “passou de ‘mau falante’ para ‘bom leitor’ o que parece ter sido determinante para a criação de novas possibilidades discursivas e de uma reconstituição de B. como alguém que pode se inserir socialmente como um ‘falante potencialmente bom’” (p. 127). Pastorello cumpre seu intuito de legitimar a clínica como um profícuo espaço para a (re)construção de teorias.

Dando continuidade aos trabalhos que discutem o fazer clínico, Ana Paula Santana e Heloísa Macedo, em seu capítulo “O afásico e a linguagem escrita: algumas reflexões”, defendem de forma criteriosa que, em uma sociedade letrada como a nossa, a afasia implica uma nova relação do afásico com a escrita. As autoras apresentam minuciosamente dados de dois processos terapêuticos com sujeitos afásicos, a partir dos quais discutem as relações entre a oralidade e a escrita e o papel do fonoaudiólogo em vista das novas relações estabelecidas pelos pacientes com as duas modalidades de linguagem, particularmente em relação aos usos da escrita: o afásico usa a escrita para falar, usa a escrita no lugar da fala, assim como toma a escrita em suas especificidades.

Defendem que o fonoaudiólogo “deve ser um co-autor de textos escritos e falados, um interlocutor privilegiado que compreende as dificuldades, analisa os processos de leitura e escrita e propõe, juntamente com o sujeito, mecanismos alternativos para superá-las” (p. 147).

A escolha das organizadoras em encerrar a coletânea com capítulos elaborados por Cantarin, Lacerda e Calheta, mais uma vez foi acertada, oferecendo a possibilidade de refletir sobre as contri-

buições que podem (e devem) ser dadas pela fonoaudiologia para além do âmbito clínico, especialmente aos educadores.

Em “Efeitos da leitura de histórias no contexto pedagógico: a constituição de ‘pequenos leitores’”, Giovana Cantarin e Cristina Lacerda partem de uma perspectiva histórico-cultural de desenvolvimento para refletir sobre o trabalho com a leitura no contexto pedagógico. As autoras focalizam as práticas de leitura realizadas pelo professor de pré-escola, apontando para a necessidade de compreensão sobre os efeitos que as práticas pedagógicas podem ter nos modos de narrar/ler das crianças. Apresentam um estudo de observação, desenvolvido ao longo de um ano, que focalizou situações de leitura de histórias infantis, feitas por uma professora para um grupo de três crianças na faixa etária de 2 a 3 anos, e destacam o papel mediador da professora em relação à apreensão dos conteúdos de leitura, indiciando a importância do outro para a construção de conhecimento. Os episódios apresentados ao longo do capítulo revelam que a “relação da criança com o outro e com os materiais da cultura letrada são extremamente relevantes para a sua aprendizagem e desenvolvimento” (p. 173).

Patrícia Calheta, em “Assessoria fonoaudiológica escolar e letramento infantil”, generosamente compartilha com o leitor o trabalho de assessoria fonoaudiológica a instituição educacional a partir das perspectivas enunciativa-discursiva de linguagem e socioconstrutivista de desenvolvimento. A autora discute com propriedade as relações históricas estabelecidas entre a fonoaudiologia e a educação, analisando de forma crítica as implicações das tradicionais práticas fonoaudiológicas de assessoria escolar, assentadas em uma visão preventiva e reabilitadora dos chamados “distúrbios da comunicação”, que inadvertidamente reeditam uma determinada clínica na escola. Alerta que é preciso problematizar a atuação fonoaudiológica nas escolas, no sentido de construir “uma alternativa favorável ao fazer profissional do educador que possa promover tanto a revisão de princípios supervalorizados no direcionamento das atividades escolares assim como um olhar diferenciado para os discursos orais e escritos” (p. 178). A partir da noção de letramento e de promoção de saúde, a autora apresenta de forma minuciosa os passos constituintes de uma proposta de assessoria fonoaudiológica escolar que contribua para a formação do educador como promotor do letramento infantil. A



proposta de assessoria apresentada por Calheta sinaliza um belo caminho trilhado pela autora na busca de constituição de um fazer comprometido com novos sentidos para a relação entre a fonoaudiologia e a educação, mas, sobretudo, uma alternativa que possa comprometer educadores e fonoaudiólogos na construção de práticas que permitam constituir sujeitos que desfrutem do inigualável prazer que a leitura e a escrita podem proporcionar.

O livro “Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico” é um belo porto de passagem, ponto de chegada e de partida, para profissionais que estão envolvidos com as aventuras e desventuras da constituição de práticas sociais que considerem a especificidade da linguagem escrita e a singularidade do sujeito, lançando nova luz ao processo de consolidação do trabalho fonoaudiológico com a linguagem escrita.

Para finalizar, resta parabenizar as organizadoras por mais esta iniciativa em reunir autores que oferecem ao leitor o fruto de seu vigoroso empenho para delinear um novo modo de relação com as outras disciplinas e configurar outras formas de pensar e de fazer no campo fonoaudiológico.

